



Projeto Xaoz

Gnosticismo

novembro de 2019

Origens

No Oriente Médio, de 200 AC ao ano 0, diversos sistemas de crenças tiveram intercâmbios importantes entre si que refletiam os próprios intercâmbios de mercadoria e as miscigenações do povo que ali vivia. Os judeus ficaram familiares com as culturas Assíria e Babilônia, assim como a Persa, e muito assimilaram em suas crenças.

O dualismo persa foi em grande parte levado em conta, com uma estrutura infernal mimetizando a estrutura celeste, e mesmo com algumas entidades sendo trazidas para dentro de seu sistema de crenças. Na história de Tobit, por exemplo, Asmodeu (o Aeshma Daeva persa, ou Espírito da Ira) se apaixona por uma mulher, e no Talmude ele se converte no demônio da luxúria.

Por volta do ano 0, se delinearam fortemente os ideais gnósticos de um deísmo trino baseado em Pai, Filho e Espírito Santo - este último por vezes representado como Sofia ou como a Mãe, ecoando as tríades egípcias (ex: Ísis, Osíris e Hórus). A salvação pessoal viria pela transcendência individual, como no budismo, ou pela evolução coletiva, pela vinda do Messias.

Existiram diversas narrativas sobre Jesus em diferentes sectos dos anos 0 a 500 DC. A maioria destas narrativas contrariava a versão da Igreja Católica Apostólica Romana que se sagrou vencedora, e por isso foi denominada como "apócrifa" ou "escrita sem inspiração divina".

Vários sectos gnósticos se proliferaram no Oriente Médio, como os Sabianos ou Batistas, os Essenos, os Ebionitas, e outros grupos como os Fariseus e os Saduceus. Um dos grupos gnósticos mais conhecidos foi o dos Nazarenos, de onde veio Jesus.

Gnosticismo

Gnosticismo, em um sentido mais amplo, pode ser compreendido como toda a doutrina na qual se pretende alcançar o conhecimento (gnose). A Gnose seria um conhecimento sobre a verdade, localizada em uma dimensão supra sensível e metafísica, que apenas por métodos bastante rígidos de disciplina física, mental e espiritual poderia ser tangível às capacidades de compreensão humana.

Ao longo da história várias correntes de pensamento sobre o mundo produziram leituras "gnósticas" da realidade, muito embora nem todas estas possam ser tratadas de fato como tais, no sentido estrito.

Ficou convencionado chamar gnósticas, no sentido mais específico, variações primitivas do judaísmo e do cristianismo que acreditavam em elementos sectários de provação, privação, isolamento e contemplação como formas de se liberar de amarras do mundo sensível (falso) para alcançar o mundo da verdade.



Imagem: busca da verdade representando o astrônomo Camille Flammarion

Trindades Divinas

Para os Gnósticos, a trindade era composta por Deus Pai, Deus Filho e Deus Mãe (a sabedoria ou Sophia). Sophia seria a esposa de Deus, também chamada de Pneuma ou Logos.

No Budismo, a trindade é representada pelo Buddha ao lado do Dharma (ciclos) e do Sangha (comunidade). O próprio termo Sophia pode ser uma tradução de Bodhi, a iluminação do Budismo.



Imagem: inferno e céu com a trindade gnóstica Mãe, Pai e Filho - H.F.

Platonismo

Na filosofia helênica encontramos aquela que talvez seja uma das principais narrativas que explica a ideia da gnose e o aspecto intrapessoal das práticas: A alegoria da Caverna, registrada por Platão no sétimo livro de A República.

Platão, como um herdeiro indireto da tradição pitagórica, que por sua vez bebera nos ritos de mistérios do orfismo, descreveria uma organização do mundo em que a dimensão sensível, que interpela os homens é uma versão 'falsa' do mundo real.

Assim, boa parte das escolas de mistérios e tradições gnósticas compartilhou uma raiz similar de exploração da realidade, embora por meios diversos. Enquanto os ritos de mistérios buscavam puxar a "realidade não-acessível" através de práticas onde a sensibilidade tem papel fundamental frente a racionalidade, o gnosticismo focara em uma racionalização muito maior sobre o corpo e as necessidades fisiológicas, sendo muitas vezes estruturado como uma tradição de clausura e eremitismo.

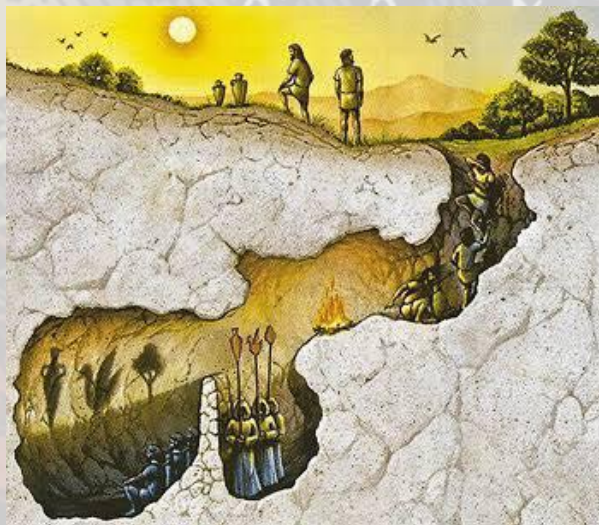


Imagem: alegoria da caverna de Platão

Essênios

Algumas seitas judaicas parecem ter uma paternidade associada ao gnosticismo dos primeiros séculos da era cristã. Muito embora haja a tendência a tratar como gnóstica apenas a pluralidade de seitas cristãs inválidas para o cristianismo institucionalizado em Roma, é verdade que outras seitas e tradições caibam nesta 'caixa'.

Os essênios, uma comunidade judaica radical estabelecida depois do cativeiro da Babilônia, será um dos primeiros grupos 'gnósticos' que boa parte da literatura tradicional sobre a temática buscará apresentar. Esses ascetas resgataram elementos tradicionais no pentateuco, como as regras de Números, para guiar as práticas comunitárias e espirituais.

Ainda que na forma os essênios tenham semelhanças com os judeus ultraortodoxos da modernidade (inclusive nos questionamentos sobre a importância do templo de Jerusalém como centro do culto), temos indícios pelas coletâneas de Nag Hammadi que os essênios avançaram sua teologia em práticas e textos não reconhecidos nem pelo judaísmo e nem pelo cristianismo.

Sabemos que os essênios tinham jejuns severos e alimentação bastante restritiva, e que sua comunidade tinha práticas de contemplação e reflexão religiosa que se assemelham mais ao ascetismo do budismo do que com as formas monásticas do cristianismo. Existe um forte peso da ideia de negar ou ao menos menosprezar a vida material, encarada como distração para as coisas do mundo espiritual, onde reside a verdade.

Nazarenos

Os Nazireus ou nazirenos são uma corrente primitiva do judaísmo que se baseia em regras mais rígidas observadas em Números. Ser nazireu era um voto de 'berço' feito pelos pais como forma de criar e dedicar filhos excepcionais, cuja concepção foi considerada milagrosa, no caminho firme e reto do divino.

Nahar ou nazar deriva de duas possíveis origens nos idiomas semitas, uma associada aos rios, e a outra ao papel de juiz e líder político e religioso.

Alguns supõem com isso que Jesus Cristo, chamado de Nazareno, possa ser uma corporificação de um líder nazireu, já que neste estão presentes todos os elementos associados à tradição: concepção milagrosa, batismo nas águas do rio e vida ascética e retirada, dedicada as leis.

João Batista por sua vez é um personagem bíblico constantemente associado aos essênios, muito embora os contatos entre ele e Jesus, tratados como primos nos textos sagrados, possa identificar João Batista como outro possível nazireu. Batista entretanto parece ter atraído para si um séquito de seguidores leais, aos quais trazia a purificação através das águas, algo que alguns indicam como uma tradição própria de ascetismo, focada em não apenas repudiar à vida material mas converter aqueles a ela vinculados.

Maniqueístas

Outra tradição gnóstica que chegou a ter contato com o cristianismo, muito atacada nos textos de Santo Agostinho, foi o maniqueísmo, desenvolvido por Mani.

Mani foi um líder religioso iraniano que acreditava na existência de um deus bom e outro deus ruim, que assim como na tradição do zoroastrismo, se degladiavam pelo controle da criação. Mani acreditava que o Zoroastrismo e o Cristianismo eram compatíveis, o que acarretou perseguição religiosa tanto por prelados cristão quanto pelos magos zoroastristas.

Santo Agostinho eliminaria o deus mal do maniqueísmo mas preservaria a divisão entre o mundo dos homens e o mundo divino, sendo o segundo assecível apenas através das sete virtudes divinas. Para Agostinho, o mal não era algo real, mas uma ilusão criada pelo distanciamento de Deus. Logo, na medida da proximidade da humanidade em relação a Deus e ao Bem, seria criada a ilusão que o vazio da ausência divina seria uma entidade ou força moral distinta.

Cátaros

Os Cátaros são uma variedade de tradições cristãs místicas dos séculos X a XII, que tinham uma visão de mundo dual, com Demiurgo maléfico e criador benéfico. O objetivo dos Cátaros era atingir a perfeição e a pureza ao se restringir das coisas materiais, sendo bem sucedidos em estruturar uma comunidade plural entre Barcelona e Toulouse, formando um triângulo entre os reinos hispânicos, a França e o Sacro Império (que incluía Suíça, Alemanha e Itália).

Essa região seria conhecida como Languedoc, por conta das diferenças entre o idioma sulista com o francês do norte (em occitano a palavra sim é 'oc', derivado de hoc no latim, enquanto no francês falado no norte era 'oui').

A comunidade do Languedoc foi alvo de uma cruzada promovida pelo papa e pelo rei da França, com a intenção de liquidar a heresia. Boa parte dos registros sobre os Cátaros do Languedoc são associados à Cruzada Albigense e aos julgamentos dos hereges cátaros.

Marcelinos

O contato da visão judaica com as correntes de mistérios gregas que privilegiaram a figura de Sofia, e com os ensinamentos dos variados evangelhos atribuídos a seguidores de Jesus, parece ter produzido uma enorme variedade de correntes místicas gnósticas.

Uma seita gnóstica interessante surgida dessa mistura são os Marcelinos, seguidores de Marcelina, uma líder que apresentava conhecimentos que seriam o legado das mulheres que seguiam a Jesus, onde o processo de redenção da alma seria necessário para o conhecimento do divino, sendo necessário muitas vezes que um espírito tenha várias vidas até alcançar este estado de graça.

Ebionitas

Os ebionitas são uma seita judaica e cristã que acredita que a Torá e a revelação trazida por Jesus são restritas aos judeus, sendo Paulo de Tarso um apóstata que teria traído este fundamento ao abrir a religião aos gentios.

Suas discussões se situam no debate entre a ortodoxia de Pedro (atribuído como primeiro papa) e Paulo de Tarso, primeiro grande articulador do cristianismo sob o império romano, responsável pelo estabelecimento das 'sete igrejas primitivas'.

Arianos

O Arianismo foi uma corrente gnóstica/cristã primitiva que negava a Santíssima Trindade, entendendo Pai, Filho e Espírito Santo como seres separados e independentes.

Para os arianos, "O Cristo" era um ser criado, de substância inferior ao deus Criador, eterno e incriado, o que impediria que os dois fossem a mesma entidade.

Sufis

O Islamismo também colaborou com o surgimento de uma 'tradição gnóstica'. O sufismo, tradição islâmica de mistérios e ascetismo, repudiaria a ortodoxia maometana, desenvolvendo práticas próprias de busca pelo divino e pela verdade. Perseguidos, muitos líderes sufi apresentavam uma visão de religiosidade introspectiva, que se processa no mundo interno do praticante mais que no externo, em uma busca particular do divino.

Rumi talvez tenha sido um dos mais populares dentre os sufis. Sua poesia, tratando de afetos, espectro emocional, cotidiano, e afins criou uma forma bem particular de buscar Allah em todas as coisas, da mais insignificante à mais terrivelmente intangível.

Uma das principais traduções para o termo Sufi é puro ou pureza, que de alguma forma se conecta em sentindo com uma tradição gnóstica cristã tardia, os cátaros.

Demiurgo

Muitas correntes gnósticas e heréticas trabalharam com duas visões de polaridade entre o bem e o mal, algumas com visões monoteístas bastante estritas, outras com estrutura similar ao biteísmo maniqueísta, até outras correntes mais plurais que contemplam a existência de múltiplos deuses criadores.

É neste ponto que a figura do Demiurgo, um ser racionalizador e organizador, se conjuga com o cristianismo, ora como enviado ou prelado de um deus maior intangível, ora como um rebelde maléfico que criaria um mundo material para aprisionar os seres divinos perfeitos criados pelo ser supremo.

O Demiurgo recebe vários nomes em correntes gnósticas, como Samael, Yaldabaoth, Sakla e Nebuel. Sempre visto como filho rebelde e temperamental, revoltado contra o deus perfeito (ou contra Sophia), ele seria um ser cruel que cria a matéria e exige que os seres perfeitos o cultuem como deus ciumento.

Muitas vezes o deus do antigo testamento é tratado como Demiurgo por correntes gnósticas antissemitas.



Imagem: Yaldabaoth por 17k Group

Vertentes Heréticas

Com a institucionalização do Cristianismo através dos concílios entre os líderes da igreja, "gnosticismo" se tornou também um termo para as correntes não conciliadas na criação de uma igreja universal, que reuniria todas as correntes e tradições do cristianismo. Com o tempo, foi substituído pelo termo "heresia" na definição dessas correntes rebeldes.

Até o sucesso da reforma protestante, todas as correntes cristãs que romperam com a cadeira de Roma foram gradativamente chamadas de heréticas, com exceção dos patriarcados ortodoxos do Oriente. As versões africanas e levantinas de cristianismo ortodoxo também foram gradativamente constrangidas e limitadas pelo avanço do Islã, que acabaria se tornando hegemônico no norte da África e no Oriente Médio.

Após a reforma protestante, por sua vez, as próprias correntes protestantes foram determinadas heréticas pela igreja Católica, e muitas práticas católicas foram entendidas como "heresias" pelos protestantes. Bruxas e Feiticeiras foram consideradas heréticas por ambas, e houve linhagens que passaram a ostentar este termo com bastante orgulho (como a bruxaria herética, a Stregheria, entre outras práticas).



Neo-Gnosticismo

Por volta de 1600, o filósofo Jacob Böhme escreveu o livro Os Três Princípios, que foi publicado quase cem anos depois, após a sua morte.

Neste livro, Böhme descreve como o Bem e o Mal se desenrolam no Tempo, e argumenta que esta seria a trindade necessária para a existência do Universo. Deus seria a união do Bem e do Mal, na forma do Todo, e ao tentar se manifestar acabaria sempre gerando estas duas qualidades em um terceiro domínio, o Universo, regido pelo Tempo.

O conceito de pecado, para Böhme, seria alguém se prender ao mundo material, interpretando ao pé da letra as escrituras e focando apenas no que é tangível. A verdadeira salvação seria alcançada mergulhando nas escrituras e entendendo o sentido metafísico por trás delas, recorrendo à Bíblia como um conjunto de metáforas para explicar o Cosmos.





Projeto Xaoz

* não foi possível localizar a autoria da maioria das imagens devido a se tratarem de pinturas e entalhes milenares; imagens com fontes conhecidas possuem descrição próxima à própria imagem.